

La Comédiathèque

Quatro estrelas

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>**

Quatro estrelas

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução para português de Portugal pelo autor

Quatro passageiros que nada têm em comum embarcam numa viagem turística ao espaço. A convivência decorre sem grandes sobressaltos, até que o centro de controlo anuncia uma fuga de oxigénio e a necessidade de regressarem de urgência à Terra. O problema é que não há ar suficiente para todos. Um deles terá de se sacrificar; caso contrário, morrerão os quatro. Têm uma hora para encontrar quem aceite revelar a fibra de um herói...

O tempo está a contar.

Personagens (2 homens e 2 mulheres)

Eduardo
Kimberley
Igor
Natália

Esta versão destina-se a um elenco de dois homens e duas mulheres. Existe também uma versão em português do Brasil, para três homens e uma mulher, disponível para download nos sites do autor.

© La Comédiathèque

ATO I

O módulo principal de uma nave espacial. Como se trata de uma comédia, nada impede uma estética futurista assumidamente kitsch, ao estilo da ficção científica de série Z. Ao fundo, uma tela pintada representa o céu estrelado visto através de uma grande janela. De um lado, um terminal de rádio em forma de telefone, com uma luz vermelha intermitente; do outro, uma pequena machadinha vermelha, protegida por um vidro com a inscrição «Quebrar apenas em caso de emergência». A quarta parede representa outra janela panorâmica, de onde os passageiros contemplam a Terra, a Lua e as estrelas, consoante a rotação da nave. À direita de cena, uma saída para o posto de comando e o laboratório; à esquerda, outra para as cabines. Eduardo está de pé, virado para o público, maravilhado com a paisagem.

Eduardo – É extraordinário! Olha, Kimberley! Vê-se Portugal!

Kimberley, que parece procurar alguma coisa, lança-lhe um olhar distraído.

Kimberley – Ah, sim... Parece tão pequenino...

Eduardo – Distingue-se perfeitamente a costa atlântica, a foz do Douro, o estuário do Tejo... E ali a marina de Cascais! Por pouco não consigo ver o meu iate. É lá que está atracado...

Kimberley – Com o Google Earth conseguias vê-lo. Se eu encontrasse o meu telemóvel...

Eduardo – É espantoso... Sabemos que os mapas de hoje representam fielmente o mundo, ao contrário dos mapas medievais, que nem sequer assinalavam a América. Mas aqui temos a prova à frente dos olhos!

Kimberley – Não me digas que pagueste uma fortuna por este voo só para confirmar que a América existe!

Eduardo – Olha, até se vê a Madeira! *(Aproxima-se da janela.)* Ah, não... É uma caganita de mosca no vidro... *(Afasta-se e volta a olhar.)* E aquele recorte ali em baixo é o Algarve.

Kimberley *(espreitando pela janela)* – Engraçado... Daqui não se veem fronteiras nenhuma.

Eduardo – Estavas à espera de quê? De ver os países separados por linhas tracejadas, como nos mapas de estradas? Dizem que antigamente se via o Muro de Berlim do espaço.

Kimberley – Ah, que pena já não existir.

Eduardo – Ainda temos a Grande Muralha da China. Aquilo, pelo menos, foi feito para durar...

Kimberley – Pois...

Eduardo – E tu? O que é que te levou a fazer esta viagem?

Kimberley – Ganhei num concurso da TVI. Era o primeiro prémio. Tínhamos de dizer quem tinha sido eliminado na véspera de um reality show.

Eduardo – E acertaste! Parabéns!

Kimberley – Na verdade, acertaram mais de um milhão de pessoas. Depois houve um sorteio, e calhou-me a mim.

Eduardo – E pensar que esta pequena viagem espacial me custou um milhão de euros...

Kimberley – Para ser sincera, preferia ter ganho o segundo prémio.

Eduardo – O que era?

Kimberley – Um Renault Twingo!

Eduardo – Ah, sim...

Kimberley – Novinho em folha! Com todos os extras: vidros elétricos, rádio, ar condicionado... Por falar nisso, não está um bocadinho quente aqui?

Eduardo (*voltando a contemplar a paisagem*) – É incrível! Não preciso sequer de consultar a meteorologia. Posso garantir-te que daqui a uma hora um ciclone vai devastar a Nicarágua. Vai ser uma desgraça. Que espetáculo!

Kimberley continua à procura do telemóvel por toda a cabine, sem prestar atenção à janela.

Kimberley – Ainda há pouco estava com ele na mão... Não pode ter levantado voo!

Cruza-se com Igor, o comandante, que acaba de chegar do posto de comando.

Kimberley (*com um sorriso sedutor*) – Ah, Igor!

Igor – Procuras alguma coisa, Kimberley?

Kimberley – O meu iPhone.

Igor (*entregando-lho*) – Encontrei-o a flutuar junto ao teto da casa de banho. Há uma pequena avaria na gravidade artificial naquela parte da nave. Vou tentar resolver isso...

Kimberley – Ah, obrigada, comandante!

Igor – Infelizmente, não era o único objeto voador não identificado que flutuava na casa de banho... E a sanita também ficou entupida. Mas para que queres o telefone?

Kimberley – Para telefonar, ora!

Igor – Receio que isso não seja possível.

Kimberley – Mas nos aviões só é preciso desligar o telemóvel na descolagem, não é?

Igor – Sim, mas isto é uma nave espacial. Podes ligar o iPhone à vontade; duvido é que apanhes rede a cento e oitenta quilómetros de altitude. Se apanhares, diz-me qual é a operadora.

Kimberley – Queres dizer que não posso telefonar durante a viagem toda? É pior do que no teatro!

Igor – Lamento...

Kimberley – Não me digas que estamos completamente isolados do mundo!

Igor – Do mundo, não necessariamente... Digamos que, se o teu iPhone tocar aqui no espaço, dificilmente será alguém da Terra.

O telemóvel de Kimberley começa a tocar. Ela atende, espantada.

Kimberley – Estou? (*Dá-se conta.*) Ah, é o despertador! Esqueci-me de acertar a hora.

Igor – É verdade que, quando estamos em órbita, não é fácil decidir que horas são.

Kimberley – E se houver uma emergência? Nem sequer podemos chamar os bombeiros?

Igor aponta para o terminal de rádio na parede.

Igor – Numa emergência, contactamos o centro de controlo pelo rádio de bordo. Mas, se for para mudar a marcação no cabeleireiro, vais ter de esperar até regressarmos à Terra.

Kimberley suspira.

Kimberley – Nem sei o que hei de vestir esta noite... É um jantar de gala?

Igor – Eu, pelo menos, conto aparecer vestido. Tu fazes como quiseses...

Kimberley (*fazendo charme*) – Oh, comandante...

Natália entra e cruza-se com Kimberley, que vai a sair.

Natália (*friamente*) – Olá, Kimberley. Está tudo bem?

Kimberley (*imitando E.T.*) – E.T. telefonar para casa...

Kimberley sai.

Eduardo – Olhem! Deste lado vê-se a Lua!

Igor acompanha Kimberley com os olhos, mais interessado nas curvas dela. Natália apercebe-se.

Natália – Deste lado também... (*Para Igor.*) O que queria a menina do cabeleireiro?

Igor – O contacto do teu cabeleireiro. Mas descansa, não lhe disse nada. Primeiro teria de passar por cima de mim...

Natália não tem tempo de responder.

Eduardo – Então, Igor? Hoje há jantar do comandante? O que nos preparaste? É a noite de passagem de ano! Não vamos outra vez comer aquelas refeições liofilizadas com água morna, pois não?

Igor – Descansa, Eduardo. Temos peru com castanhas... liofilizado, naturalmente. E o nosso melhor champanhe russo... morno.

Eduardo (*suspirando*) – Pelo preço que paguei por esta estadia de quatro estrelas, esperava pelo menos um bocadinho de caviar!

Igor – Devias ter trazido uns quantos dos teus famosos chouriços.

Eduardo – Trouxe uma mala cheia! Mas disseram-me que tinha excesso de bagagem. Era isso ou o leitor de DVD com a coleção completa dos Simpsons...

Natália – Como se vê, um homem de gosto refinado...

Eduardo – Bem, para abrir o apetite, vou dar mais uma voltinha à sala de gravidade zero. Nunca me farto!

Igor (*à parte, para Natália*) – É o único sítio onde consegue deixar de ser um peso.

Eduardo (*cantarolando a música do Porco-Aranha*) – Porco-Aranha, Porco-Aranha... (*Para Natália.*) Então? Como vão essas investigações?

Eduardo prepara-se para sair, mas espera pela resposta.

Natália – Deus não criou o mundo num dia. Dá-me mais uma semana para perceber como o fez.

Eduardo – Afinal, o que é que estás a investigar?

Natália – O Big Bang.

Eduardo (*cético*) – Se conseguires patentear o Big Bang, avisa-me.

Eduardo sai, ainda a cantarolar a música do Porco-Aranha.

Igor – Sabes como fez fortuna? Com enchidos industriais.

Natália – Tem a sua graça.

Igor – É um chato.

Natália – Um chato que vale mil milhões de euros. Sem estes novos-ricos dispostos a pagar quantias astronómicas para ver a Terra lá de cima, eu nem podia continuar as minhas investigações.

Igor – Quem diria que o mistério da criação do universo talvez venha a ser resolvido com o patrocínio de uma marca de chouriços...

Natália – E tu? Sem o financiamento dos canais de televisão, estarias a pilotar voos charter para as Canárias em vez de uma nave espacial. Qual é o projeto desta vez?

Igor – A TVI anda a estudar um novo reality show. Uma espécie de Big Brother em gravidade zero... Ou uma nova Ilha da Tentação, mas na Lua.

Natália – A Lua da Tentação... Que belo programa! Então é por isso que a Kimberley está aqui?

Igor – Querem verificar se um cérebro com um QI inferior a sessenta resiste à ausência de gravidade. Não podemos pôr em risco os futuros concorrentes.

Natália – Podiam ter mandado uma perua em vez da Kimberley.

Igor – Ao menos podíamos comê-la na passagem de ano.

Natália – Para ti, isso ainda pode vir a ser possível...

Igor – Não sei se ela faz o meu género.

Natália – Pela maneira como olhaste para ela, não parecia.

Igor (*provocador*) – Estás com ciúmes?

Natália – Ciúmes dela? E quem te disse que tu fazes o meu género?

Igor – Para a passagem de ano não há grande concorrência... A não ser que o senhor Porco-Aranha seja o homem dos teus sonhos.

Natália (*sorrindo*) – Espero que essa Ilha da Tentação versão Star Trek ainda não tenha começado.

Igor prepara-se para responder quando a luz vermelha do terminal de rádio começa a piscar.

Igor – Dá-me licença... (*Atende o rádio.*) Capitão Spock, estou a ouvir... (*Natália ia sair, mas repara na preocupação no rosto de Igor e resolve ficar.*) Sim... Sim... Percebo... Não, não... Está bem. Mantenham-me informado.

Igor desliga.

Natália – Há algum problema?

Igor – O centro de controlo detetou uma fuga no sistema de fornecimento de oxigénio...

Natália – É grave?

Igor – Ainda não sabemos. Voltam a ligar assim que tiverem mais informações. Entretanto, tenho de ativar o sistema de emergência.

Kimberley regressa com um vestido de noite muito sensual.

Kimberley – Achas que posso vestir isto esta noite?

Igor, preocupado, mal olha para ela.

Igor – Desculpa, tenho um problema para resolver. (*À parte, para Natália.*) Por enquanto, é melhor não alarmar os dois turistas.

Igor sai. Kimberley fica desiludida.

Kimberley – Nem sequer olhou para mim... É como se eu fosse invisível. Tu também me achas transparente?

Natália – O vestido é que é transparente.

Kimberley – Será que é um bocadinho...?

Natália – É, e bastante. Mas é a época do Natal e da passagem de ano! A única semana em que uma mulher pode vestir-se de árvore de Natal e, logo a seguir, de prostituta. Há que aproveitar!

Kimberley – Não gostaste?

Natália – Eu disse isso?

Eduardo regressa a cantarolar.

Eduardo – Porco-Aranha, Porco-Aranha... Ah, isto é fantástico! Mas prefiro fazer aquilo antes de comer o peru.

Kimberley interpela-o.

Kimberley – E tu, Eduardo, que achas de mim?

Eduardo – Eh lá, eu não estava a falar de ti! Nunca me atreveria!

Kimberley – Do meu vestido!

Eduardo – Ah, o vestido... Queres vir comigo à sala de gravidade zero? Aposto que a dois é ainda mais divertido!

Igor regressa, poupando Kimberley a uma resposta. Natália repara que ele parece ainda mais preocupado.

Natália – Está tudo bem, capitão Spock?

Kimberley – Pensava que ele era comandante e se chamava Igor. Spock é o apelido?

Igor – Está tudo controlado. Ativei a ventilação de emergência.

Eduardo – «Emergência» e «tudo controlado» na mesma frase? Não gosto nada disso.

Igor (*procurando tranquilizá-lo*) – É apenas uma pequena avaria técnica. Vai ficar resolvida num instante. Vamos festejar aqui a passagem de ano, como estava previsto.

Eduardo – Ainda bem! Mas diz-me uma coisa, comandante: como estamos a girar em torno da Terra quase à mesma velocidade do Sol... Bem, percebes o que quero dizer... Em que momento podemos considerar que é meia-noite?

Igor (*com um segundo sentido*) – Acredita, Eduardo: esta vai ser a noite de passagem de ano mais longa da tua vida.

Natália fica apreensiva.

Eduardo – Que aventura! Afinal, é uma experiência que só se tem uma vez na vida.

Natália (*baixinho*) – Nem imaginas como tens razão...

Eduardo – Está um calor aqui, não está? (*Para Kimberley.*) Devias ter escolhido o Twingo. Ao menos tinha ar condicionado.

O terminal de rádio volta a piscar. Igor troca um olhar com Natália e atende. Para distrair os turistas, Natália aponta para a janela virada para a plateia.

Natália – Olhem! Estamos a sobrevoar a China!

Igor (*ao rádio*) – Sim, estou a ouvir...

Natália – Até se vê a Grande Muralha!

Eduardo – Onde?

Kimberley – Não estou a ver nada...

Natália – Ali!

Eduardo – Ah, sim... Agora já a vejo!

Kimberley – Eu continuo sem ver nada. Já começo a perguntar-me o que vim cá fazer.

Igor (*ao rádio*) – Está bem...

Igor desliga e troca um olhar preocupado com Natália.

Eduardo – Este é o melhor dia da minha vida!

Natália (*baixinho*) – E talvez o último...

Igor (*para Kimberley*) – Kimberley, ainda não fizeste os exercícios de hoje na sala de gravidade zero. Fazem parte da rotina diária.

Kimberley (*suspirando*) – Fico enjoada a andar pelo teto como uma barata. Eu não sou nenhuma barata! Porque é que tenho de fazer aquilo?

Eduardo – Eu vou contigo. Vais ver como é divertido!

Os dois saem, Eduardo a cantarolar. Igor e Natália ficam sozinhos.

Natália – Então?

Igor – É um pouco mais grave do que pensávamos...

Natália – Tens de me dizer a verdade, comandante. Além da minha missão científica, sou a copiloto desta nave.

Igor – O sistema principal de ventilação avariou definitivamente. Temos de recorrer ao de emergência.

Natália – Quanto tempo de autonomia temos?

Igor – Quatro horas.

Natália – O suficiente para regressarmos à Terra se partirmos já. Mas não para ficarmos aqui a passar o ano. Os turistas vão ficar desiludidos, mas o Eduardo recebe o dinheiro de volta e a Kimberley fica com o Twingo.

Igor – Infelizmente, não é tão simples.

Natália – Bem me parecia. Senão, não estavas com esse ar de cão abandonado. O que é que avariou mais nesta lata velha? Se é por causa das coisas que flutuam na sanita, já estou ao corrente...

Igor – O sistema de oxigénio de emergência só foi concebido para três pessoas.

Natália (*horrorizada*) – Estás a brincar?

Igor – Achas que estaria com esta cara se estivesse a brincar?

Natália – Mas como é possível?

Igor – Tu própria o disseste: a nave é uma manta de retalhos. O propulsor veio de um míssil americano desativado, a cabine pertenceu a uma estação espacial europeia fora de serviço, e este módulo foi adaptado de uma cápsula russa Soyuz.

Natália – E mandaram quatro pessoas numa nave preparada para três?

Igor – O senhor Porco-Aranha pagou um milhão de euros pelo bilhete. Sem o dinheiro dele e o patrocínio da televisão, a missão tinha sido cancelada. E tu nunca terias podido iniciar as tuas pesquisas.

Natália – Portanto, tu já sabias?

Igor – Já te disse: era a nossa única oportunidade. Terias recusado a hipótese de testar as tuas teorias sobre o Big Bang?

Natália – Não.

Igor – Claro que não. Um resultado positivo podia valer-te um Prémio Nobel. Terias aceitado o risco, tal como eu.

Natália – Admito. Mas os dois turistas não aspiram ao Prémio Nobel. Tinham o direito de saber.

Igor – Se soubessem, não tinham embarcado.

Natália – O Porco-Aranha tinha escolhido umas férias com tudo incluído em Bora Bora.

Igor – E a Barbie teria escolhido o Twingo com ar condicionado.

Natália – Muito bem... E o que propõem agora os génios do centro de controlo?

Igor – Nada. Temos de resolver isto sozinhos. As contas são simples: oxigénio para três pessoas durante quatro horas. Ou reduzimos o número de passageiros... ou os quatro deixamos de respirar uma hora antes de chegar à Terra.

Natália – E como se faz isso?

Igor – Com uma cápsula de cianeto, por exemplo.

Natália – Desculpa?

Igor – Há cianeto no armário dos medicamentos. Que, por sinal, também é chinês. Um plano B, digamos.

Natália – Magnífico, pensaram em tudo! Só se esqueceram de que não vai ser fácil encontrar alguém disposto a fazer uma viagem ainda mais longa...

Igor – Tenho uma ideia, mas não vais gostar.

Natália – Diz lá.

Igor – Um pouco de cianeto em pó na comida da Kimberley. Ela nem dava por nada...

Natália – Ela? Só podes estar a brincar!

Igor – Preferes o Porco-Aranha?

Natália – Isso seria um homicídio, comandante! Mesmo que conseguíssemos viver com a culpa, continua a ser crime.

Igor – Mas mandar quatro pessoas numa nave com oxigénio para três é legal...

Natália – Se o fizermos, podemos acabar presos. E, se escaparmos à prisão, carregaremos a culpa até ao fim da vida.

Igor – Tens razão. Então o que sugeres?

Eduardo e Kimberley regressam de muito bom humor, a cantarolar.

Kimberley (*a cantar*) – La cucaracha, la cucaracha... já não pode caminhar...

Eduardo – Então, comandante? Tudo em ordem? Estou cheio de fome!

Kimberley – Eu também!

Natália (*à parte, para Igor*) – Não podemos esconder-lhes a verdade durante muito mais tempo. Temos de lhes contar, mas sem provocar pânico desnecessário.

Igor – Queres dizer que vais anunciar àqueles dois que um deles está a mais, sem provocar pânico? Isso gostava eu de ver!

Natália (*hesitante*) – Posso tentar...

Igor – Se conseguires, também mereces um Nobel. De Psicologia!

Escuro.

ATO II

Um grito agudo de Kimberley na escuridão. Ouve-se um vidro a partir-se. Acende-se a luz: Kimberley acaba de desmaiar, e Igor e Natália tentam socorrê-la. Eduardo, transtornado, empunha a machadinha que estava atrás do vidro de emergência, agora partido.

Igor (para Natália) – Parece-me que, afinal, vais ter de te contentar com o Nobel da Física...

Eduardo (ameaçando-os com a machadinha) – Não sei o que me impede de vos abrir a cabeça aos dois!

Igor – Talvez o facto de sermos os únicos que sabemos trazer esta nave de volta à Terra.

Eduardo – Posso matar só um. Tu, por exemplo!

Igor – Não acredito que sejas capaz.

Eduardo – Não me provoques! Fiz fortuna com uma fábrica de enchidos. Estou habituado a mandar abater porcos!

Igor – Mas eu não sou um porco. E sempre podias alegar legítima defesa...

Natália – Acho que não é bem a altura certa...

Eduardo – E qual seria a altura certa? Quando estivermos todos mortos?

Igor – Se estás assim tão preocupado, experimenta passar uma hora sem respirar. Era um problema a menos.

Natália (apontando para Kimberley) – Chega! Ajudem-me com ela!

Kimberley recupera os sentidos.

Igor – Que pena. Se ela não acordasse, também resolvia o problema...

Kimberley – Digam-me que estou a sonhar e que afinal ganhei o Twingo!

Natália – Infelizmente, não, Kimberley. Ganhaste mesmo o primeiro prémio.

Eduardo – Não estás num Twingo com ar condicionado. Estás numa lata velha com asas... E o que falta aqui é precisamente ar!

Kimberley – Então é verdade? Vamos morrer todos?

Natália – Não necessariamente todos.

Igor – Gosto desse otimismo. Sabes sempre ver o lado bom das coisas...

Kimberley – Então há uma solução?

Eduardo (irónico) – Há. A cápsula...

Kimberley – Temos uma cápsula de salvamento? Então estamos salvos!

Eduardo – A cápsula de cianeto! Ainda não percebeste? Um de nós está a mais e temos uma hora para decidir quem.

Kimberley – Eu sabia que esta viagem era uma loucura! Devia ter ouvido a minha mãe! O espaço não é lugar para uma rapariga de boas famílias. Isto é um castigo divino! Como aconteceu com Ícaro...

Eduardo – Ícaro? É algum membro da tripulação?

Kimberley – Da mitologia grega! Quis voar até ao Sol, mas as asas derreteram-lhe e caiu.

Igor (*para Natália*) – É a tua deixa. Explica-lhes que Deus não existe, que o universo nasceu do Big Bang e que não foi nenhum velhote de barba branca que criou os céus e a Terra.

Natália – Só falta saber quem acendeu o rastilho...

Igor – Infelizmente, não temos tempo para filosofias. O que fazemos? Tiramos à sorte com palhinhas?

Eduardo – Isso era demasiado fácil. E irresponsável.

Igor – Já que falas em irresponsabilidade, importas-te de baixar a machadinha?

Eduardo baixa a machadinha, contrariado.

Eduardo – Tu és o piloto! Sabias de tudo e ficaste calado! Está na altura de assumires as tuas responsabilidades. Num navio, o comandante é o último a abandonar o barco. Podias morrer como um herói!

Igor – Isto não é um filme!

Kimberley – É pior do que o Titanic...

Igor – Sou apenas um funcionário. Estava a cumprir ordens.

Eduardo – Foi o que disse o sujeito que largou a bomba sobre Hiroxima!

Os dois homens encaram-se. Natália intervém.

Natália – Podem parar? Estão a gastar o pouco oxigénio que nos resta! O Igor tem razão: seria injusto responsabilizá-lo sozinho. E, se queremos castigar os culpados, convém lembrar que a pena de morte foi abolida na maioria dos países democráticos.

Eduardo aponta para o exterior, através da janela.

Eduardo – Ainda podemos escolher a China ou os Estados Unidos!

Natália – Os responsáveis estão lá em baixo. Mas ninguém podia ignorar os riscos desta missão. É mais perigoso do que correr à frente dos touros numa largada em Vila Franca de Xira, vestido de vermelho e de chinelos.

Kimberley – Eu tenho um vestido vermelho lindíssimo!

Eduardo – Esqueçamos a Terra por um momento. Não podíamos decidir qual de nós faria menos falta à humanidade?

Igor (*irónico*) – Imagino que tenhas excelentes razões para te considerares indispensável.

Eduardo – A minha empresa emprega duzentas mil pessoas!

Igor – E achas que fechava se morresses? Os acionistas escolhiam outro diretor. Assunto arrumado.

Eduardo – E tu, por acaso, és mais importante do que eu?

Igor – Para começar, sei pilotar esta nave.

Natália – Eu também.

Eduardo – Estão a ver? Basta um de vocês para pilotar e assegurar o serviço de bordo. O outro é dispensável. *(Para Natália.)* Por mim, tanto faz.

Igor – Achas mesmo que és mais útil do que uma futura vencedora do Prémio Nobel?

Eduardo – Porque não?

Igor – Tens razão. Se houvesse um Nobel do chouriço, ganhavas de certeza.

Eduardo – Os meus produtos alimentam um terço dos portugueses! *(Para Natália.)* E tu, o que fazes?

Natália – Investigo a origem do universo.

Eduardo – Ou seja?

Natália – Ainda não descobri.

Eduardo – Mas já encontraste alguma resposta?

Natália – Ainda não.

Eduardo – Então esse Nobel ainda vem longe. Não vejo porque é que a tua investigação há de ser mais útil do que a minha fábrica.

Natália – Eu não disse que era.

Silêncio.

Eduardo *(para Kimberley)* – E tu?

Kimberley – Eu o quê?

Eduardo – Dá-nos uma boa razão para voltares à Terra... viva.

Kimberley *(desamparada)* – Tenho um gato, um cão e um canário à minha espera em casa... Para não falar da minha mãe!

Natália – Basta! Não podemos comparar o valor das vidas humanas! Talvez eu ainda não saiba como surgiu o universo, mas sei que uma vida não vale menos do que outra.

Eduardo – Ótimo. Então vamos votar.

Kimberley – Votar em quê?

Eduardo – Em quem merece a honra de se sacrificar. Já que ninguém se oferece, que decida a democracia.

Natália – Sou contra!

Eduardo – Não precisas de votar. Isto é uma democracia. Mas não podes impedir os outros de votarem em ti. Senão era fácil demais.

Eduardo pega num bloco de papel e numa caneta.

Eduardo – Cada um escreve um nome, dobra o papel e entrega-o à Natália. Ela faz a contagem. Igor?

Igor – Juras aceitar o resultado?

Eduardo – Juro.

Igor – Então vamos a isso.

Eduardo escreve um nome, destaca a folha, dobra o papel e passa o bloco a Igor.

Eduardo – A tua vez.

Igor – Porque estás tão convencido de que és popular?

Eduardo – E tu, porque tens tanta certeza?

Igor vota também e passa o bloco e a caneta a Kimberley.

Eduardo – Não te preocupes, Kimberley. Se nos safarmos disto, garanto-te que recebes o Twingo. Trato disso pessoalmente.

Igor lança um olhar furioso a Eduardo. Kimberley hesita, escreve um nome, dobra o papel e deixa-o em cima da mesa.

Eduardo – Natália, tens a honra de anunciar os resultados das eleições.

Contrariada, Natália abre os três papéis, um de cada vez.

Natália – Igor... Eduardo... Kimberley... *(Aliviada.)* Um voto para cada um. Não há vencedor.

Igor *(para Eduardo)* – Eu votei em ti, tu votaste em mim... Quem é que votou na Kimberley?

Kimberley – Fui eu!

Natália – Estavas disposta a sacrificar-te?

Kimberley – Claro que não! Pensei que estávamos a votar em quem devia salvar-se!

Os outros três ficam a olhar para ela, indignados.

Eduardo – Portanto, não resolvemos nada.

Igor – Nesse caso, morremos todos daqui a... *(Olha para o relógio.)* Umas duas horas.

Eduardo – Mas porque é que estamos aqui a discutir em vez de regressarmos já?

Igor – Porque só podemos iniciar a reentrada na atmosfera quando a nave chegar à posição certa na órbita. Será daqui a cerca de meia hora. A partir daí poderemos controlar a descida.

Natália – A trajetória já foi corrigida. Caso contrário, continuávamos a girar à volta da Terra.

Eduardo – E só agora me dizem! E pensar que me venderam esta viagem como umas férias de sonho...

Igor – Seja como for, temos meia hora para encontrar alguém com fibra de herói.

Natália – É uma situação digna de uma tragédia grega. Se ninguém aceitar morrer, morremos todos. Cada um pode sacrificar-se e salvar os outros três... ou morrer inutilmente com eles.

Kimberley – Mas cada um ainda pode esperar que seja outro a oferecer-se primeiro, não é?

Natália – Não vamos escolher um bode expiatório. Quem morrer para salvar os outros tem de fazê-lo voluntariamente.

Eduardo – Perfeito. Voluntários?

Silêncio.

Natália – Eu ofereço-me.

Os outros três ficam atónitos. Eduardo é o primeiro a reagir.

Eduardo – Ótimo, problema resolvido! Obrigado, Natália. Afinal, como tu própria disseste, de uma maneira ou de outra acabavas por morrer na mesma...

Igor – Porque farias isso? Sacrificar-te como Cristo, tu que nem acreditas em Deus?

Eduardo – Uma vez que és voluntária e estamos todos de acordo, prometo pagar metade das despesas do teu funeral. Tens algum último desejo?

Igor – Cala-te! Natália, não vais sacrificar-te por um vendedor de chouriços... e por uma cabeça de vento!

Kimberley – Quem é que é uma cabeça de vento?

Natália – Quem te disse que me estava a sacrificar por ela?

Igor – Nem eu valho a pena, acredita.

Natália – Talvez seja orgulho. Mas, se tiver de morrer, prefiro fazê-lo com dignidade.

Igor – Não vou deixar.

Natália – E como pensas impedir-me?

Igor – Só eu tenho a chave do armário dos medicamentos. E, se alguém tiver de se sacrificar, serei eu.

Eduardo – Bem, não vão começar a discutir! Só precisamos de um herói.

Natália – Estarias disposto a fazer isso por mim? Porquê?

Igor – Porque tu mereces...

Eduardo – De qualquer maneira, não podem morrer os dois. Precisamos de um piloto. Eu só tenho carta de pesados, e a Kimberley teria dificuldade em estacionar o Twingo na garagem...

Kimberley – Não concordo!

Eduardo – Desculpa a piada do Twingo. Retiro o que disse.

Kimberley – Não concordo que o Igor ou a Natália tenham de morrer por nós.

Eduardo – Lá vamos nós começar tudo de novo! Já estava decidido.

Kimberley – E como vamos continuar a viver sabendo que um deles morreu para nos salvar?

Eduardo (*consultando o relógio*) – Temos quinze minutos para decidir.

Igor – Então o que sugeres?

Kimberley – Um sorteio. É a única solução justa.

Eduardo – Justa e perigosa...

Natália – Acho que a Kimberley tem razão. Não sei se estão de acordo.

Eduardo – Vamos votar outra vez?

Igor – Não é bem isso.

Kimberley – Só temos de escolher um jogo de azar.

Igor – Eu sugeria a roleta-russa. Numa cápsula Soyuz seria bastante apropriado. Mas as armas de fogo são proibidas a bordo. E, se uma bala atravessasse uma cabeça e perfurasse a fuselagem, podíamos provocar uma depressurização.

Kimberley – E a machadinha?

Igor – Como é que imaginas jogar roleta-russa com uma machadinha?

Silêncio pensativo.

Eduardo – Podíamos jogar póquer. Trouxe um baralho. Quem perder deixa de respirar.

Kimberley – Não sei jogar póquer.

Natália – Eu também não.

Eduardo – Eu ensino-te. É fácil.

Igor (*interrompendo*) – Não a enganes. O póquer não é um jogo de puro acaso.

Eduardo – Tens alguma ideia melhor?

Igor – Talvez...

Igor dirige-se à saída, mas Eduardo coloca-se à sua frente.

Eduardo – Aonde vais?

Igor – Buscar alguma coisa para beber. Não disseste que eu era o responsável pelo serviço de bordo?

Eduardo – É melhor ficarmos juntos. Quem nos garante que não estás a preparar alguma coisa nas nossas costas?

Igor – Tens a minha palavra. E vais ter de te contentar com ela. A menos que tenciones impedir-me de sair... à força.

Os dois desafiam-se com o olhar. Eduardo acaba por se afastar.

Eduardo – Muito bem. Afinal, somos pessoas civilizadas...

Igor sai. Segue-se um silêncio. Natália contempla o céu estrelado através da janela.

Natália – Pode parecer estranho para uma astrofísica, mas nunca tinha contemplado as estrelas desta maneira... sem tentar descobrir nada.

Eduardo (*indiferente*) – Ah, sim?

Natália – Talvez a resposta esteja mesmo à nossa frente...

Kimberley – A resposta?

Eduardo – A que pergunta?

Natália – À origem do universo!

Eduardo – Lá vem ela outra vez...

Natália (*comovida*) – E se a resposta não for científica, mas puramente estética? E se Deus for um artista?

Eduardo encolhe os ombros. Kimberley também contempla as estrelas.

Kimberley – É realmente bonito.

Natália (*para Eduardo*) – Tu também vieste cá para ver as estrelas de perto, não foi?

Eduardo – Sei lá... Estava aborrecido...

Natália – No fundo, quando viemos até aqui, todos sabíamos que já tínhamos percorrido metade do caminho para o céu...

Kimberley – É estranho... Já nem me importa não ter ganho o Twingo. Mesmo que morra daqui a pouco, pelo menos vi isto. Nunca me senti tão viva.

Natália – Um dia, todos vamos desaparecer. Se nos lembrássemos disso ao acordar, talvez vivêssemos melhor. Afinal, as estrelas também morrem. E até o Sol deixará um dia de brilhar.

Kimberley – Então não passamos de estrelas entre outras estrelas?

Natália – Quatro estrelas, sim. E uma a mais...

Eduardo – Quatro estrelas, esta sucata? Para mim, já é uma a mais!

Kimberley – Mas qual de nós é a estrela que está a mais?

Natália (*voltando a olhar para o céu*) – Talvez seja esse o mistério do universo: um movimento perpétuo, um enorme puzzle que nunca conseguimos completar... porque, no fim, há sempre uma peça a mais.

Eduardo – Mas onde é que se meteu aquele idiota, raios partam!

Igor regressa com um tabuleiro onde estão quatro taças de champanhe.

Igor – Que tal brindarmos ao Ano Novo?

Eduardo – Achas mesmo que é altura para isso?

Igor – Uma destas taças contém cianeto.

Os outros três ficam em silêncio.

Eduardo – Tu sabes qual é! Foste tu que as preparaste!

Igor – Por isso fico com a última. Eduardo, faz as honras.

Igor oferece o tabuleiro a Eduardo, que hesita.

Eduardo – Sabes mesmo qual está envenenada?

Igor – Não. Senão não tinha graça.

Eduardo acaba por pegar numa taça. Igor oferece o tabuleiro a Kimberley, que também hesita.

Kimberley – Não me dou bem com champanhe. Dá-me gases...

Igor – Lamento.

Kimberley pega numa taça. Igor oferece o tabuleiro a Natália, que escolhe a sua sem hesitar. Igor fica com a última. Os quatro aproximam-se e erguem as taças.

Igor – À saúde dos sobreviventes!

Os quatro bebem de um só trago.

Kimberley – Está bem fresquinho... Não há amendoins?

Escuro.

ATO III

Os quatro estão sentados à volta da mesa. O ambiente é pesado.

Kimberley – Pensava que uma nave espacial fazia muito mais barulho. Ouçam este silêncio... Até chega a doer nos ouvidos.

Eduardo – Ainda bem. Senão, parecia que já estávamos mortos.

Kimberley – É mais silencioso do que a casa da minha avó. E olhem que ela vive numa aldeia!

Natália – É porque o som não se propaga no vazio.

Kimberley – Na aldeia?

Natália – No espaço!

Igor – E, no entanto, o universo é tudo menos tranquilo. Muitas das estrelas que vemos já desapareceram há milhares de anos, em gigantescas explosões nucleares. Se Deus existe, parece-se mais com o Dr. Estranhoamor do que com o Pai Natal.

Novo silêncio.

Kimberley – Não percebi.

Eduardo – O que ele quer dizer, minha querida, é que até as estrelas morrem.

Igor – Sim. E morrem em silêncio.

Silêncio.

Eduardo – Não podemos pôr um bocadinho de música?

Natália – O silêncio eterno destes espaços infinitos apavora-me!

Eduardo – Foi exatamente o que eu disse.

Natália – Pascal!

Eduardo – Pascal?

Natália – Blaise Pascal. O filósofo.

Eduardo – Ah, conheço! Apareceu num episódio dos Simpsons, a explicar a teoria das probabilidades.

Natália – Ao menos aprendeste alguma coisa com a série.

Silêncio. Kimberley pega num resto do jantar.

Kimberley – Pensando bem, aquele peru liofilizado nem estava assim tão mau.

Eduardo – Acabaste de me dar uma ideia! Vou lançar chouriços liofilizados. São muito mais fáceis de transportar, sobretudo para exportação. *(Indica um tamanho minúsculo com os dedos.)* Um chouricinho todo enrugado, assim... Mergulha-se em água antes da refeição e, zás!, transforma-se num chouriço enorme!

Kimberley – As castanhas, essas, eram melhores frescas.

Igor – E como são, afinal, as castanhas frescas?

Kimberley – Sei lá... Como as castanhas cristalizadas?

Eduardo – Ou assadas, talvez!

Natália – Não estou a sentir nada. E vocês?

Kimberley – Eu também não.

Igor – O veneno demora algum tempo a fazer efeito.

Eduardo – Quanto tempo?

Igor – Uns quinze minutos, suponho.

Kimberley – Morrer de cianeto dói?

Igor – Não sei. Nunca tomei. Pelo menos até hoje...

Natália – Como assim, «até hoje»? Disseste que não sabias qual das taças estava envenenada.

Igor – Digamos que tive um pressentimento...

Natália – Se bem me lembro, o cianeto provoca primeiro convulsões, depois perda de consciência e um coma profundo...

Eduardo – Portanto, efeitos secundários...

Natália – O efeito principal é impedir o organismo de utilizar o oxigénio.

Os quatro engolem em seco.

Igor – Era o veneno preferido dos chefes nazis. Göring suicidou-se com cianeto para escapar à execução depois do julgamento de Nuremberga.

Eduardo – Suicidar-se para escapar à execução... Não vejo a vantagem.

Natália – De qualquer maneira, um de nós deve morrer nos próximos minutos. Sugiro que cada um diga o que mudaria na sua vida se sobrevivesse.

Igor – Tu primeiro.

Natália – Voltava àquela loja e comprava os sapatos que vi na montra. Uns sapatos de morrer!

Eduardo – Era isso que mudavas?

Natália – Achei-os absurdamente caros. Mas esta viagem ensinou-me a importância de certas frivolidades. E tu, Eduardo?

Eduardo – Para começar, nunca mais tirava os pés do chão. As estrelas também são bonitas vistas cá de baixo. Se nos aproximamos demasiado delas, queimamos as asas, como aquele vosso amigo... (*Os outros três olham-no, intrigados.*) Ícaro!

Natália – E então?

Eduardo – Vou criar uma fundação.

Igor – Uma fundação? Tu?

Eduardo – Porque não? O Bill Gates não tem uma?

Natália – E qual seria o objetivo?

Eduardo – Sei lá... Acabar com a fome no mundo, por exemplo.

Igor – Gostava de ver isso.

Igor – E pensar que ninguém suspeitava do revolucionário que há em ti... Prometo: se fores tu a morrer, mandamos erguer-te uma estátua.

Eduardo – Nem sempre fui assim tão rico, sabem? Não nasci com uma colher de ouro na boca, como se costuma dizer.

Kimberley – Não é uma colher de prata?

Eduardo – Exatamente. No meu caso, era só de prata. O meu pai pertencia a um ramo menos favorecido da família. Quando o meu avô morreu, herdei apenas um quinto da fortuna. Era bastante, claro... Mas só fiquei com o império dos chouriços quando o meu tio morreu.

Igor – Que infância difícil...

Eduardo – Se hoje sou o rei dos chouriços, é porque sempre quis alimentar o mundo. À minha maneira, também sou um idealista...

Igor – E tu, Kimberley?

Kimberley – Voltava a estudar. Gostava de continuar a aprender línguas.

Natália – Tu estudavas?

Kimberley – Estudava. Estás surpreendida?

Natália – Um bocadinho. O quê?

Kimberley – Línguas orientais. Queria ser intérprete. Também fazia teatro e música... Deixei tudo quando cheguei à final do concurso Miss Portugal.

Eduardo – Foste Miss Portugal?

Kimberley – Quase. Afastaram-me antes da final. Um ex-namorado publicou na Internet um vídeo nosso... íntimo. Uma coisa da juventude, que tínhamos gravado anos antes.

Eduardo passa a olhar Kimberley com outros olhos.

Igor – Então falas outras línguas?

Kimberley – Falo japonês e mandarim fluentemente. Também me desenrasco em russo e tenho noções de coreano. Estudei ainda outras línguas asiáticas menos conhecidas. Tenho jeito para isso.

Igor – Se eu soubesse, tinha-te pedido ajuda com os rótulos do armário dos medicamentos. Custou-me imenso encontrar o cianeto. O rótulo estava em coreano... Acho eu.

Kimberley – O coreano é uma língua bonita. Muito musical.

Eduardo – Sobretudo o coreano do sul, imagino.

Kimberley – Então porquê?

Eduardo – Por causa do sotaque do sul! É sempre mais cantado, não é?

Kimberley – Pois...

Natália – E tu, Igor? O que farias?

Igor (*visivelmente indisposto*) – Não me parece boa altura para fazer planos para o futuro.

Kimberley – Não me digas que já começaram as contrações... Quero dizer, as convulsões!

Igor levanta-se com dificuldade.

Igor – Não se preocupem. Vou deitar-me um bocadinho. *(Entrega uma carta a Natália.)* Escrevi isto para o caso de... *(Natália pega na carta em silêncio.)* Lê-a quando eu partir. Detesto despedidas.

Natália *(comovida)* – Vou contigo.

Igor – Não, obrigado. Prefiro ficar sozinho. Boa viagem a todos...

Kimberley – Obrigada... Para ti também.

Igor sai em direção aos camarotes. Os outros três ficam petrificados. Natália levanta-se, pega na taça de Igor e cheira-a cuidadosamente.

Eduardo – Os melhores são sempre os primeiros a partir.

Natália – Não havia cianeto nesta taça.

Eduardo – Como é que sabes?

Natália – O cianeto tem um ligeiro cheiro a amêndoas amargas. Já trabalhei com ele no laboratório e tenho um olfato muito apurado.

Kimberley também cheira a taça.

Kimberley – É verdade. Tenho um sabonete com aroma de amêndoas, e este champanhe não cheira a nada disso.

Eduardo – Mas, se foi apenas o jantar que fez mal ao Igor, ainda vai morrer um de nós três!

Natália cheira as outras três taças.

Natália – Nenhuma das quatro taças tinha cianeto.

Kimberley – Mas o Igor parecia estar a sentir-se mesmo mal...

Eduardo – Então?

Natália – Deve ter tomado o veneno antes de trazer as taças. Por isso não importava qual escolhia. E foi por isso que escreveu uma carta.

Kimberley – Mas... porquê?

Natália – Sacrificou-se para nos salvar. E não quis que soubéssemos.

Eduardo – Não faz sentido!

Natália – Talvez quisesse poupar-nos à culpa. Preferiu que acreditássemos que foi o destino a salvar-nos, e não o suicídio dele. Os verdadeiros heróis não procuram a glória.

Kimberley – Meu Deus!

Eduardo – Nunca teria imaginado...

Natália – Nem eu...

Eduardo – O que diz a carta?

Natália – Prefiro lê-la depois.

Eduardo – Mas pode ter instruções para pilotar a nave! Afinal, ele era o comandante.

Natália abre a carta e lê em silêncio. Os outros dois aguardam, ansiosos.

Kimberley – Então? O que diz?

Natália – É uma espécie de testamento.

Eduardo – Ainda nos deixou alguma coisa? Que homem generoso!

Kimberley lança a Eduardo um olhar de reprovação.

Natália – São os últimos desejos dele.

Eduardo – Quais?

Natália – Quer que a fundação tenha o nome dele.

Eduardo – Que fundação? (*As outras duas olham-no, indignadas.*) Ah, claro... A fundação contra a fome no mundo.

Natália – Também pediu à Kimberley que cumpra a promessa que fez.

Kimberley – Que promessa?

Natália – Voltar a estudar. Deixa-te as economias dele para ajudar a pagar os estudos.

Eduardo – Quanto é, mais ou menos?

Natália – Quinze mil euros.

Kimberley – O quê?

Eduardo – Nada mau... Sabia investir.

Natália – Também deixou umas instruções para a aterragem. Parece que a segunda mudança arranha um bocadinho...

Kimberley – E a ti? Não te deixou nada?

Natália (*emocionada*) – Deixou. Mas é muito pessoal.

Eduardo e Kimberley entreolham-se, surpreendidos por ver Natália à beira das lágrimas. De repente, a luz vermelha do rádio volta a piscar. Natália atende quase mecanicamente.

Natália – Estou... (*Empalidece.*) Como? Está bem, aguardamos instruções.

Eduardo e Kimberley observam-na, intrigados.

Eduardo – O que aconteceu agora?

Natália – O centro de controlo conseguiu reparar a fuga no sistema de ventilação do módulo B...

Eduardo – Isso em português quer dizer o quê?

Natália – Agora temos oxigénio suficiente para regressar à Terra!

Kimberley – Que maravilha! (*Percebe subitamente.*) Meu Deus... O Igor!

Natália precipita-se em direção aos camarotes.

Natália – Vou ver se ainda podemos fazer alguma coisa!

Eduardo e Kimberley ficam sozinhos.

Eduardo – Quando regressarmos, vão ter de me ouvir! Venderam-me isto como um cruzeiro de luxo e meteram-nos numa sucata feita de peças de meia dúzia de países!

Kimberley – Até o armário dos medicamentos tinha rótulos em línguas que ninguém percebia...

Eduardo – É a Torre de Babybel, esta nave! Bem, se regressarmos vivos, vou exigir o reembolso. Não estás contente?

Kimberley – Pobre Igor...

Eduardo – Enfim... Pelo menos conseguiu ser o herói que queria.

Kimberley – E que homem tão corajoso... E bonito, ainda por cima.

Eduardo – Mas eu ainda cá estou. Sou bonito, sou jovem... E tu, além de jovem, és uma caixinha de surpresas. Quem diria, aqueles vídeos íntimos... És perigosa, Kimberley. E ainda falas uma data de línguas!

Kimberley – Mais de duas!

Eduardo – Esta viagem fez-me pensar. És muito mais interessante do que eu imaginava. Por isso, tenho uma proposta: preciso de alguém de confiança para tratar de...

Kimberley (*entusiasmada*) – Da fundação?

Eduardo – Que fundação?

Kimberley – Aquela que vai acabar com a fome no mundo!

Eduardo – Ah... Essa. Não, estava a pensar noutra coisa... Quer dizer, quase na mesma coisa. Preciso de alguém para dirigir as vendas no mercado asiático. Eras perfeita.

Kimberley – No mercado asiático?

Eduardo – Uma embaixadora dos meus chouriços!

Kimberley – Achas mesmo que era capaz?

Eduardo – Falas mais línguas do que o Papa! E, convenhamos, com esse aspeto eras uma embaixadora muito mais atraente.

Kimberley – Chouriços na China?

Eduardo – Pensa na dimensão daquele mercado! Se conquistarmos uma pequenina parte dos consumidores, fico duas vezes mais rico! E tive uma ideia genial para a publicidade. (*Aponta para a Lua e desenha no ar.*) Vamos projetar, com um laser a partir de um satélite, um chouriço e o nome da marca na superfície lunar. Um anúncio visível de qualquer ponto da Terra... quando for de noite, evidentemente. Imagina o impacto!

Antes que Kimberley possa responder, Natália regressa, transtornada.

Natália – O Igor está inconsciente no camarote. Acho que já não há nada a fazer. Decidi ir ter com ele.

Eduardo – Como assim, ir ter com ele?

Kimberley vê um tubo de comprimidos na mão de Natália e tira-lho.

Kimberley – Meu Deus! Também tomaste cianeto?

Eduardo – E agora quem é que vai pilotar esta coisa até à Terra?

Natália – Desculpem... Nem pensei nisso. Adeus. Sejam felizes. Vou encontrar o homem que amo, para ficarmos juntos pela eternidade... Mas antes tenho de passar pela casa de banho.

Natália sai apressadamente. Kimberley deixa o tubo de comprimidos em cima da mesa.

Eduardo (*desesperado*) – Não acredito! Agora vamos morrer todos!

Kimberley – Mas é tão romântico...

Eduardo – E tão estúpido!

Kimberley – Parece o Romeu e Julieta! Serias capaz de morrer por mim, Eduardo?

Eduardo – Como se tivesse escolha!

Igor reaparece, cambaleante, com outro tubo de comprimidos na mão.

Kimberley (*surpreendida*) – Olha! O Romeu voltou do mundo dos mortos!

Igor – Não percebo... Tomei dois comprimidos de cianeto e só tenho um bocado de sono.

Kimberley examina o tubo que Igor tem na mão.

Kimberley – Isto não está em coreano... Está em vietnamita! (*Volta a ler o rótulo.*) E não é cianeto. São comprimidos para dormir... fora de prazo desde 1973!

Eduardo – Não admira que já não faça grande efeito! Estamos salvos! Só precisamos de manter o comandante acordado até chegarmos à Terra.

Igor – E a Natália?

Kimberley (*sem jeito*) – A Natália...?

Eduardo – Consegues pilotar esta nave durante mais uma hora? Se não, ensina-me antes de adormeceres! Não deve ser assim tão diferente de conduzir um camião...

Igor – Mas o que aconteceu?

Kimberley – O centro de controlo reparou a fuga. Já temos ar suficiente para regressar.

Igor – Mas onde está a Natália? Digam-me a verdade!

Kimberley – É que...

Eduardo – Ela não está aqui...

Kimberley – Pensou que tinhas morrido.

Igor repara no tubo de comprimidos que Kimberley tirou a Natália e deixou em cima da mesa.

Igor – Não me digam que...

Kimberley – Ela ama-te, Igor. Muito.

Igor – Não!

Igor pega no tubo que está em cima da mesa e prepara-se para engolir mais um comprimido.

Eduardo (*desesperado*) – Parece que sou o único nesta nave que quer voltar à Terra!

Kimberley tira o tubo das mãos de Igor e examina o rótulo.

Kimberley – O Eduardo tem razão. Eu não fazia isso, comandante... (*Os dois homens olham-na sem perceber.*) Isto também não está em coreano. Está em tibetano. E não é cianeto: é um laxante fortíssimo, à base de plantas!

Eduardo – Também fora de prazo?

Kimberley – Infelizmente, não.

Eduardo – Com a casa de banho sem gravidade... e entupida!

Kimberley – Vai ser um tsunami de cocó!

Natália reaparece.

Natália – Alguém sabe onde está o papel higiénico de reserva? (*Vê Igor.*) Igor? Estás vivo!

Igor – Estou, Natália! Um milagre. Só tomei dois comprimidos para dormir... fora de prazo.

Natália – Que felicidade!

Igor – Amo-te, Natália. Desde o primeiro momento em que te vi. Queres casar comigo?

Natália – Quero, Igor! (*Preparam-se para se beijar, sob o olhar emocionado de Kimberley e Eduardo.*) Espera só um segundo. Já volto!

Natália sai a correr, agarrada à barriga. Igor volta a adormecer profundamente.

Eduardo – Estou a ver que vamos precisar dos dois pilotos para levar este caixote até à garagem...

Kimberley, emocionada, abraça Eduardo.

Kimberley – Com tanta emoção, acho que o meu coração vai rebentar...

Eduardo – Como a vida é curta! Depois de tudo o que passámos juntos... Queres casar comigo?

Kimberley – Mesmo com os pecados da minha juventude?

Eduardo – Já passámos pelo pior. Agora só pode vir o melhor! Prometo-te a Lua, Kimberley!

Kimberley – A Lua?

Eduardo – Quando casarmos, dou-te o meu apelido. Lembras-te do laser? O nome do rei dos chouriços projetado na Lua em letras enormes! Queres ser a minha rainha, Kimberley?

Kimberley – E também posso ficar com o meu Twingo?

Eduardo – É o teu presente de casamento! Com todos os extras! Até isqueiro e grelhador de chouriços!

Kimberley – Oh, Eduardo... És um romântico! Então aceito casar contigo!

Eduardo abre os braços, e Kimberley aproxima-se dele.

Estão prestes a beijar-se quando a luz vermelha do rádio começa a piscar e o telefone toca. Os dois entreolham-se, preocupados. Eduardo atende.

Eduardo – Estou? (*Escuta, tenso. Depois sorri.*) Conseguiram também desentupir a casa de banho!

Kimberley – Estás a ver? Tudo está bem quando acaba bem!

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Paris – Agosto de 2022
© La Comédiathèque – ISBN 978-2-37705-799-3

Documento para download gratuito